



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES

MARIA DO SOCORRO COSME PEREIRA

**INDISCIPLINA NO ÂMBITO ESCOLAR: uma transgressão que interfere no
processo de ensino-aprendizagem**

JOÃO PESSOA – PB
2014

MARIA DO SOCORRO COSME PEREIRA

**INDISCIPLINA NO ÂMBITO ESCOLAR: uma transgressão que interfere no
processo de ensino-aprendizagem**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares, da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do título de especialista em Fundamentos da Educação.

Orientadora: **Prof^a. Dr^a. Valdecy Margarida da Silva**

**JOÃO PESSOA – PB
2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

P436i Pereira, Maria do Socorro Cosme
Indisciplina no âmbito escolar [manuscrito] : uma transgressão que interfere no processo de ensino-aprendizagem / Maria do Socorro Cosme Pereira. - 2014.
48 p.

Digitado.
Monografia (Especialização em Administração Escolar) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2014.

"Orientação: Profa. Dra. Valdecy Margarida da Silva, Departamento de Educação".

1. Indisciplina. 2. Docentes. 3. Discentes. 4. Aprendizagem.
5. Escola. I. Título.

21. ed. CDD 371.58

MARIA DO SOCORRO COSME PEREIRA

**INDISCIPLINA NO ÂMBITO ESCOLAR: uma transgressão que interfere no
processo de ensino-aprendizagem**

Aprovada em 14 de junho de 2014.

BANCA EXAMINADORA

Valdecy

**Profª Drª Valdecy Margarida da Silva
Orientadora – UEPB**

Maria José Guerra

**Profª Drª Maria José Guerra
Examinadora – UEPB**

Verônica Pessoa da Silva

**Profª Drª Verônica Pessoa da Silva
Examinadora – UEPB**

Dedico esse trabalho primeiramente a Deus, por me levantar todas as vezes em que fraquejei, que esteve e está sempre ao meu lado nos momentos mais difíceis da minha vida.

Obrigada, Senhor, por mais esse desafio!

Dedico, também, ao meu esposo e às minhas filhas, que me incentivaram e sempre estiveram ao meu lado na trajetória dessa jornada.

AGRADECIMENTOS

A Deus, Senhor e Onipotente, que com sua sabedoria nunca nos desampara e está sempre nos guiando por caminhos certos e justos.

À minha Orientadora, a Prof^a Dra. Valdecy Margarida Silva, pela dedicação, paciência e empenho na construção desse trabalho monográfico.

Aos meus familiares.

A todos que, de forma direta e indireta, torceram para que eu não desistisse. Em especial ao Paulo Roberto, que sempre acreditou e me deu força para seguir em frente.

Às minhas filhas Maryellya e Maryanna, como também a minha Lívia.

A todos os professores da UEPB que contribuíram com esse Curso, especialmente àqueles que mais me marcaram.

A todos os colegas de turma que, com garra e perseverança, não desistiram no meio do caminho. Obrigada, colegas, por terem compartilhado comigo um pouco de suas experiências. Agradeço, especialmente, ao meu grupo: Lurdinha, Penha, Consuelo e Lourdes. Vocês foram especiais nessa trajetória.

Agradeço, ainda, ao diretor da minha escola, Walter Pereira, pelas vezes que precisei do seu auxílio e ele estava sempre disposto a me ouvir e auxiliar.

Os professores não são valorizados socialmente como merecem, não estão nos noticiários da TV, vivem no anonimato da sala de aula, mais são os únicos que tem o poder de causar uma revolução social. Com uma das mãos eles escrevem na lousa com a outra, movem o mundo, pois trabalham com a maior riqueza da sociedade: a juventude. Cada aluno é um diamante que, bem lapidado, brilhará para sempre.

Cury, Augusto (2007)

PEREIRA, Maria do Socorro Cosme. **Indisciplina no âmbito escolar: uma transgressão que interfere no processo de ensino aprendizagem.** (Monografia do Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: práticas pedagógicas interdisciplinares. 2014.

RESUMO

Considerando que a indisciplina é um dos maiores obstáculos pedagógicos na percepção dos professores com os quais convivemos, objetivamos analisar como este fenômeno educativo interfere no processo de ensino/aprendizagem, especialmente na escola na qual lecionamos, a Escola Estadual Padre Ibiapina, localizada em João Pessoa/PB. Para tanto, buscamos subsídios em alguns teóricos, tais como Moraes (2007), Vasconcelos (2013), Aquino (1996), Rodrigues (2001), dentre outros que debatem a questão disciplinar, partindo especialmente das mudanças que ocorrem nos diversos âmbitos da sociedade; sobre suas causas e consequências e, principalmente, sua influência no aprendizado dos alunos. Infelizmente, em nosso país e, conseqüentemente, em nosso estado, a indisciplina no âmbito escolar tem se tornado cada vez mais frequente e presente nas relações pedagógicas. Diante desse fato, cada vez mais os professores sofrem sem saber que atitude tomar em relação ao aluno indisciplinado. Essa transgressão (indisciplina), tornando-se um binômio, está ligada à disciplina, uma vez que uma depende da outra. Assim sendo, a indisciplina só encontra significado dentro de um quadro de referência, a partir de um sistema de valores que a exclua. Nesta perspectiva, buscamos compreender até que ponto essa transgressão interfere na construção da aprendizagem, pelo fato de que não se consegue pensar, agir, amar, trabalhar, sem seguir os valores éticos. Partindo dessa premissa, nesta pesquisa, que se configura como um estudo de caráter exploratório, procedeu-se uma revisão da literatura, bem como foi aplicado um questionário a um grupo de alunos do 5º ano do Ensino Fundamental (tarde) e aos

professores, na tentativa de compreender o tema em pauta, especialmente suas causas e consequências.

PALAVRAS-CHAVE: Indisciplina. Docentes. Discentes. Aprendizagem. Escola .

ABSTRACT

Considering that indiscipline is one of the biggest obstacles in teaching perception of teachers with whom we live , we aimed to analyze how this educational phenomenon interferes with the teaching / learning process , especially in school where We teach the Father Ibiapina State School , located in João Pessoa / PB . To this end, we seek subsidies in some theorists , such as Moraes (2007) , Vasconcelos (2013) , Aquino (1996) , Rodrigues (2001) , among others debating the disciplinary matter , especially starting the changes occurring in the various segments of society ; its causes and consequences , and especially its influence on student learning . Unfortunately , in our country and , consequently , in our state , indiscipline in schools has become increasingly common and present in pedagogical relationships . Given this fact , more and more teachers suffer without knowing what action to take in relation to the disruptive student . This breakdown (disruptive) , making a pair, is attached to the subject, since it depends on the other . Therefore , indiscipline only find meaning within a frame of reference , from a value system that excludes . In this perspective , we seek to understand to what extent this transgression interfere in the construction of learning , the fact that you can not think, act , love, work , without following ethical values . From this premise , in this research , which is configured as a study of exploratory character , proceeded to a literature review and a questionnaire was administered to a group of students in the 5th grade of elementary school (late) and teachers in attempt to understand the subject at hand , especially its causes and consequences .

KEYWORDS: Indiscipline. Teachers. Students. Learning. School.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. CAPÍTULO I	13
2.1. Indisciplina: síntese contextual	13
2.2. Reconstruindo o cotidiano Escolar: vários olhares para a questão da indisciplina	15
2.2.1. O cotidiano escolar revelando uma cultura da "disciplinarização"	16
2.2.2. Indisciplina e o sentimento de vergonha	21
2.2.3. Vergonha e moral	22
3. CAPÍTULO II	24
3. Indisciplina no ambiente escolar	24
3.1. A desordem na relação professor x aluno	25
3.2. A indisciplina em sala de aula	27
3.2.2. Causas, conseqüências e especificidades de indisciplina	28
Na família	29
Na escola	31
No aprendizado	32
Na sociedade	34
4. CAPÍTULO III	36
4. O que dizem os professores e os alunos sobre indisciplina	36
4.1. A indisciplina na perspectiva dos professores	36
4.2. A indisciplina na visão dos alunos	39

5. CONCLUSÕES	43
----------------------------	-----------

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANEXOS

Anexo 01: Questionários do Professor

Anexo 02: Questionários dos Alunos

INTRODUÇÃO

Para mudar a perspectiva em relação à indisciplina, é imprescindível que a escola se responsabilize cotidianamente por garantir um ambiente de cooperação em que o valor humano, o respeito, a dignidade e a integridade marquem as relações nesse espaço de construção do conhecimento. Assim sendo, é necessário que haja, na escola, uma mudança de olhar em relação à indisciplina, estudando conceitos de desenvolvimento moral e ético e adotando-os como conhecimentos necessários ao processo educacional.

O presente trabalho monográfico tem como tema Indisciplina no âmbito escolar: uma transgressão que compromete o processo de construção no saber. A pesquisa trata da indisciplina no cotidiano escolar e foi desenvolvida com os alunos do 5º ano do Ensino Fundamental I, na Escola Estadual Padre Ibiapina, situada em Mandacaru, João Pessoa/PB, e a coleta de dados foi realizada por um período de 3 meses.

Ao tratar da questão da indisciplina na escola, pelas nossas experiências, sabemos que esse trabalho é árduo e não tem fim. Mesmo que a equipe esteja atenta e capacitada para encarar a indisciplina sobe esse prisma mais amplo, é preciso mantê-lo vivo. Primeiro porque a escola está sempre em movimento e a cada ano chegam novos professores e alunos que podem não estar alinhados com essa visão. Segundo, porque diferentes casos de indisciplinas vão continuar aparecendo.

Sendo assim, na presente pesquisa levantamos o seguinte questionamento: que fatores levam os discentes do 5º ano da Escola Padre Ibiapina a serem disciplinados? Objetivamos, no presente trabalho, analisar como a indisciplina interfere no processo de ensino e aprendizagem. Especificamente, temos como objetivos: identificar as causas que levam os alunos a serem disciplinados em sala de aula; discutir a interferência da indisciplina no

processo de ensino e aprendizagem e refletir sobre o papel do professor no combate à indisciplina em sala de aula.

A indisciplina interfere no processo de ensino-aprendizagem. É um dos maiores obstáculos pedagógicos nos dias atuais. Na tentativa de resolver esta problemática, a maioria dos educadores busca uma maneira de administrar o ato indisciplinado. Portanto, já que esta questão está ligada à natureza humana e os educadores sempre irão se deparar com esse problema, é necessário que esses sujeitos aprofundem o tema e sejam sensíveis para esse problema em sala de aula. Ficar irritado, gritar e castigar os que não se comportam como o educador quer (atitudes autoritárias e retrógradas) não vai resolver o problema. Quando se tenta impor a disciplina, a submissão e a revolta aparecem e atualmente essa atitude não se sustenta mais.

A presente pesquisa se constitui em um estudo de caso que discute até que ponto a indisciplina pode prejudicar a construção do saber dos educandos. Assim sendo, fizemos uma análise criteriosa, na qual buscamos respostas para atitudes inadequadas por parte de alguns educandos. Dessa forma, fizemos uso do método de pesquisa Survey, tipo descritivo que, segundo Lima (2004) ocorre quando a investigação se compromete a identificar quais situações, eventos, atitudes, estão manifestos em uma determinada população. A coleta de dados foi feita por meio de questionários aplicados à população alvo, no qual teve perguntas objetivas e subjetivas, envolvendo o tema gerador que é a “Indisciplina em sala de aula”.

O estudo está pautado em teóricos, tais como: Ferreira (2000), Rêgo (1996), Freire (2000), Moraes (2007), Lima (2001), Vygostk (1987), entre outros, que contribuiram para o enriquecimento e uma compreensão mais autônoma da temática específica abordada no presente trabalho.

CAPÍTULO I

2.1. Indisciplina: Síntese contextual

A indisciplina escolar consiste em um dos desafios mais críticos com os quais as instituições educacionais se deparam. Todavia, por ser um velho conhecido de todos os educadores, sua relevância teórica não é nítida e existem poucas obras dedicadas explicitamente à problemática, fato que vem confirmar este dado. Um tema, sem dúvida, de difícil abordagem que deveria ser mais discutido e melhor analisado.

Na atualidade, existem diversos conceitos de disciplina, a partir de diferentes concepções de educação e de mundo. Porém, como toda criação cultural, este conceito não é imóvel, uniforme, nem tão pouco universal. Ele se relaciona com o conjunto de valores e expectativas ao longo da história, entre as diferentes culturas e numa mesma sociedade: nas diversas classes sociais, nas diferentes instituições e até mesmo dentro de um organismo ou camada social.

De acordo com o dicionário da língua portuguesa, o termo disciplina pode ser definido como “regime de ordem imposta ou livremente consentida”, “observância de preceitos ou normas”. Já o termo indisciplina refere-se ao procedimento ato ou dito contrário à disciplina: desobediência, desordem, rebelião. Assim sendo, indisciplinado é aquele que “se insurge contra a disciplina” (Ferreira. 1998. p. 595).

No meio educacional, esta visão é bastante comentada. Segundo Ferreira, (1998), costuma-se compreender a indisciplina manifestada por um indivíduo ou grupo, como um comportamento inadequado, um sinal de rebeldia, intransigência, desacato, traduzida na falta de educação ou de desrespeito pelas autoridades, a bagunça ou agitação motora.

Partindo desse princípio, percebe-se que a indisciplina passa a ser vista como uma desobediência cega a um conjunto de ordens, principalmente, como pré-requisito para o bom aproveitamento do que é oferecido na escola. Neste

sentido, “as regras são imprescindíveis ao desejado ordenamento, ajustamento, controle e coesão de cada aluno e da classe como um todo” (Ferreira, 1998).

Vasconcelos (2013, p.112) afirma que a indisciplina consciente e interativa é a capacidade de medir a tensão dialética entre adequação e transformação, tendo em vista atingir intencional e criticamente um objetivo e nós, enquanto seres humanos, temos de romper, transformar, superar limites e transgredir essas tensões que já nos foram colocados historicamente. Portanto, de acordo com a visão do autor, uma pessoa disciplinada é aquela que sabe administrar a tensão entre a necessidade de romper e a necessidade de se adaptar. Afirmando que:

A disciplina é muito complexa: o sujeito tem que ter o tempo, clareza do que quer, do que tem e, naquele momento, a partir dessa tensão entre finalidade e realidade, tomar a decisão (Vasconcelos, 2013, p.112).

Por ser um tema complexo e envolver questões diversas da natureza, ele também compromete o ser humano em seu contexto sócio-histórico e cultural, levando a comunidade escolar a participar como intermediária desse processo.

A partir do meio em que vivem, homens e mulheres constroem e reconstróem modelos de conduta os quais vão se adaptando as novas transformações, enfrentando, assim, os desafios que lhes são impostos. Como bem ressalta Rego:

Os padrões de disciplina que pautam a educação das crianças e jovens, assim como critérios adotados para identificar ao longo do tempo, identificam o comportamento indisciplinado transformando a dinâmica social do indivíduo (1996, p.84).

A autora destaca que o comportamento humano é uma manifestação bastante complexa. Todavia, sabemos que nosso universo é marcado pela ideia de pluralidade e, portanto, conforme diz Paulo Freire (1987), devemos estabelecer sempre o diálogo com nossos alunos, provocar o debate, trazer o aluno para junto,

ter atitudes inovadoras, só assim poderemos estreitar nossas relações numa ética inovadora e perceber que a disciplina não é algo ruim nem árduo, mas algo que ajuda na relação de convivência social .

Alguns autores distinguem vários níveis de indisciplina e afirmam que apesar de toda sua complexidade, ela pode implicar em violência, mas nem sempre é necessário que a violência se manifeste num ato indisciplinado.

Como níveis de indisciplina podemos destacar: perturbação pontual que afeta o funcionamento das aulas ou mesmo da escola; conflitos que afetam a relação professor/aluno e vandalismo contra instituições escolares.

Para entendermos o tema em pauta e enfrentarmos o problema é necessários fazermos uma releitura de Aristóteles, quando ele diz que a virtude não está no meio, mas na mediação. E como defende Vasconcelos (2013), “se um aluno está com problemas de disciplina e de aprendizagem, deve-se trabalhar sua relação com a classe, com o conteúdo e com o professor”. Portanto, ele fala que o professor, como mediador do processo ensino aprendizagem, também é “o capitão do navio” e como tal, é ele que coordena todo processo que não pode ser terceirizado. Ou seja, não pode ser transferidos para a coordenação, direção e pais dos alunos.

2.2 Reconstruindo o cotidiano escolar: vários olhares para a questão da indisciplina

A indisciplina é o resultado de vários fatores e, como tal, se apresenta com várias faces. Daí a necessidade de a escola e membros que nela trabalham se unirem e mobilizarem-se no intuito de conviver com o problema e comportamento inadequado dos alunos, tentando rever toda a sua dinâmica.

Atualmente, percebe-se que o papel da escola não é só de procurar conviver com as dificuldades apresentadas pelos educandos, mas o de modificar suas ações negativas em ações positivas. É função da comunidade escolar provocar uma maior intimidade entre a escola, família, sociedade, criando um

ambiente cooperativo no qual, ao caminharem juntos, venham descobrir novos encaminhamentos e resoluções para os problemas da indisciplina.

Para analisar as várias faces da indisciplina na escola, se faz necessário retomar historicamente como esta acontecia em meados do século XVIII. Nessa época se enfatizava o corpo como algo a ser modelado, hábil, dócil e controlável, de maneira tal que favorecia o modelo de sociedade burguesa, na qual visava o modo de produção capitalista da época. Contudo, as escolas burguesas não tinham interesse em responder às necessidades dos alunos, se preocupavam apenas com a sociedade. Percebe-se, portanto, que esse modelo se faz presente até hoje em nossas escolas e tem contribuído cada vez mais para o agravamento da indisciplina escolar.

No Brasil e no mundo diferentes estudiosos analisam a indisciplina sob vários olhares e nos auxiliam na busca de possíveis agir pedagógicos. A exemplo de (Freire 2000), especialmente na obra *Pedagogia da autonomia*, que faz um apelo aos educadores: "Por uma nova relação educacional que implica necessariamente numa mudança de postura entre o professor-aluno, no entendimento que a educação consiste numa relação intersubjetiva, uma concepção humanizada da educação."

Na visão freiriana, é preciso que o educador saia da curiosidade nata e transcenda para a curiosidade epistemológica. Isto é, se faz necessário que cada educador reflita sobre a sua prática educativa e proporcione aos envolvidos, no caso os educandos, ação-reflexão sobre suas realidades.

2.2.1 O cotidiano escolar revelando uma cultura da “disciplinarização”

Uma forma de avançar na compreensão das questões que envolvem a indisciplina na escola seria através do conhecimento sobre o que ocorre em toda a realidade escolar, ou seja, entendê-la no contexto das práticas que “fazem” o dia-a-dia das escolas. Portanto, estudar a escola a partir da análise do seu cotidiano é

compreender a ação dos sujeitos que nela se movimentam, entendendo essa realidade específica nas suas articulações com a realidade macroespacial.

Segundo Ezepeleta, Rockwell :

É através das análises do cotidiano que podemos entender melhor a natureza dos processos constitutivos da realidade cotidiana da escola e, ao mesmo tempo, articular com estes processos sociais mais amplos que ocorrem em determinado momento histórico (1986 p.65).

Diante desse contexto , os autores afirmam que o cruzamento do cotidiano com a história é identificado como significativo do próprio processo de conhecimento social da instituição escolar, já que ele acontece em movimentos e contextos distintos e também pelo fato de focalizar os sujeitos individuais que a incorporam e objetivam práticas e saberes dos quais se apropriaram em diferentes momentos e contextos da vida.

Para o filósofo Kant, este tema nos leva a discutir a própria natureza do homem, uma vez que na sua visão a disciplina é condição necessária para arrancar o homem de sua condição natural e selvagem. Permanecer parado e quieto num banco escolar é, para Kant, necessário, não para possibilitar o bom funcionamento da escola, mas para ensinar a criança a controlar seus ímpetos e afetos. Não que levantando, andando, falando, a criança não possa se alfabetizar, mas não conseguirá jamais se “humanizar” logo, perante espetáculos de indisciplina em sala de aula, Kant (e com ele leva parte dos defensores sérios do ensino dito tradicional como Alain e Durkheim) se preocuparia com o futuro da humanidade.

Porém, hoje as coisas evoluíram: se na escola tradicional (Kant) a principal tarefa era evitar o aparecimento de conflitos, em uma escola democrática (Freire), o conflito é um momento singular e privilegiado da dinâmica, interpessoal ou institucional que deve ser aproveitado, si extraído o máximo de todo esse jogo educacional que se faz explícito.

Assim sendo, percebe-se que antigamente a prática desenvolvida na escola seria para manter a ordem. Esse ensino era centrado no professor e no conteúdo, em nenhum momento se preocupavam com o bem-estar da criança.

Diante desses conceitos historicamente construídos, infelizmente, nossa sociedade e, conseqüentemente, algumas escolas, ainda se organizam dessa forma: organização espacial, prática pedagógica coerciva, hierarquização das funções; relações interpessoais; disciplina; organização do funcionamento e tipos de avaliação (Argento, 2002).

Em sua visão, Argento (2002) afirma que essa prática disciplinar responde a uma concepção bancária de educação, tão criticada por Freire, por se constituir em um ato de depositar; onde os educandos são os depositários e o educador depositante (Freire, 1998, p.58).

As salas de aula organizadas sempre em filas distribuídos individualmente refletem uma prática que não proporciona a (Práxis) ação-reflexão dos envolvidos. Desse modo, a indisciplina surge como uma forma de insatisfação, já que a cultura transmitida na escola não abre espaço para que o aluno pronuncie o seu mundo.

Entretanto, apesar de ser objeto de crescente preocupação, no meio educacional, este assunto é, de modo geral, superficialmente discutido. Segundo Tereza Cristina C. Rego (1996 , p. 83), isto vem se agravando à medida que estudos e pesquisas sobre a indisciplina (natureza, características , identificação de possíveis causas) o papel da escola e da família na produção da indisciplina na sociedade contemporânea) além de parciais, ainda são relativamente escassos.

Além da falta de clareza e consenso à respeito do significado do termo indisciplina ou disciplina, a maior parte das análises parece expressar as marcas de um discurso fortemente impregnado pelos dogmas e muitos do senso comum (nem sempre de bom senso)(1996, p.83).

Percebe-se, portanto, que embora o fenômeno da indisciplina seja um velho conhecido de todos , a sua relevância teórica não é clara. É pouco o

número de obras dedicadas explicitamente à problemática, que vem confirmar este dado. Um tema sem dúvida de difícil abordagem no que concerne a relatos de alguns professores, quando dizem que a questão da indisciplina é, atualmente, uma das dificuldades fundamentais no que diz respeito ao trabalho escolar. De acordo com alguns relatos, eles afirmam que o ensino teria como um de seus obstáculos centrais a conduta desordenada dos alunos, traduzida em termos como: tumulto falta de limite, bagunça, maus comportamentos, desrespeitos aos professores, corpo técnico, etc.

A indisciplina seria, talvez, um dos maiores desafios do educador na atualidade, cuja resposta às correntes teóricas não conseguiram propor de imediato, uma vez que se trata de algo que ultrapassa o âmbito didático-pedagógico, imprevisto ou até insuspeito no ideário das diferentes teorias pedagógicas.

Esse fato nos leva a refletir que a indisciplina não é estritamente escolar, ela é uma sintonia de outra ordem que surte efeitos no interior da relação educativa e, como tal, ela não existiria como algo em si, um evento pedagógico particular e, no caso, antinatural ou desviante do trabalho escolar.

Segundo Lopes (2000, p.146), para entender o fenômeno da indisciplina na escola e na sala de aula, leva um bom tempo. Uma vez que não existem receitas nem formas corretas e unificadas que motivem e levem nossos alunos a criar gosto pela aprendizagem. Ele ainda complementa afirmando que o ato de educar é uma tarefa árdua e complexa, cabe ao professor estar preparado para enfrentar este novo desafio. E a melhor estratégia que ele deve utilizar é o diálogo.

Trindade nos ajuda a compreender o problema da indisciplina quando diz que:

Ser educador no Brasil é, antes de tudo, um ato de fé na capacidade do ser humano de transformar; nas possibilidades da escola enquanto organização de superar imensas limitações que a cercam e oprimem; nas potencialidades de não ser expectador e ousar arriscar gestos (2000, p.91).

Neste ínterim, podemos afirmar que nossa sociedade mudou que os costumes das crianças e jovens de hoje são diferentes dos tempos passados. A educação familiar está sendo facultada à escola. Limites e regras por parte de alguns pais não são transmitidos aos filhos, isto se tornou tarefa difícil. Assim sendo, alguns creem que esta obrigação também é da escola e transfere a educação familiar que seria responsabilidade deles à escola.

Contudo, a escola não se exime dessa realidade e tem de saber lidar com sua responsabilidade, enquanto espaço socializador e corresponsável na formação desses cidadãos. A indisciplina escolar pode ser causada por vários fatores e um desses fatores está relacionado à conduta do professor em sua prática pedagógica na sala de aula.

Em contrapartida, o comportamento indisciplinar, manifestado por alunos contra a escola, professores e colegas de classe é uma forma de protesto, uma maneira que encontram no intuito de chamar a atenção para mostrar que não estão satisfeitos. Isto é, uma forma de mostrar que o aluno mudou que a metodologia e organização da escola não estão adequadas às suas exigências e necessidades, pois uma vez que ele mudou está buscando mais autonomia, se acha desenvolvido e se acha no direito de não seguir regras e padrões estabelecidos que na maioria das vezes sejam contrárias as suas vontades.

Para tanto, se faz necessário buscar uma maneira para resolver este problema da indisciplina que aflige cada vez mais o cotidiano e o desenvolvimento da aprendizagem do próprio aluno. Assim sendo, o professor deve buscar equilíbrio entre a valorização do prazer de ensinar e a ação de procurar entender as causas da indisciplina. Não devemos apontar culpados, até porque a relação ensino-aprendizagem é um processo; processo este que tanto depende do aluno quanto do professor.

Alguns professores enfrentam dificuldades em lidar com a indisciplina na sala de aula. A maioria fica desorientada e não sabe como resolver os conflitos quem acontecem. Alunos e professores reconstróem ou desconstróem o processo de aprendizagem e é necessário que o professor haja de acordo com o seu papel

de educador, com um conhecimento aguçado e diversificado para lidar com expressões do cotidiano.

2.2.2 A indisciplina e o sentimento de vergonha

Segundo La Taille (1996, p.9), o tema indisciplina é delicado por três razões. A primeira é que se pode facilmente cair no moralismo ingênuo e, sob a aparência de descrever o real, tratar-se de normalizá-lo. Isto quer dizer que a indisciplina em sala de aula seria em decorrência da falta de valores do nosso tempo. A segunda seria o reducionismo, que explica em fato por uma única dimensão. A terceira é a complexidade e até ambiguidade do tema.

Se compreendermos disciplina por comportamentos regidos por um conjunto de normas, a indisciplina poderá traduzir em duas formas: 1) a revolta contra essas normas; 2) o desconhecimento delas. No primeiro caso, a indisciplina traduz-se por uma forma de desobediência insolente. No segundo, pelo caos dos comportamentos, pelas desorganizações das relações.

De acordo com Sartre, Jean Paul: “A vergonha pura não é sentimento de ser tal ou tal objeto repreensível, mas, em geral, de ser um objeto, dependente e imóvel que sou pra outrem (1942 , p. 336).”

Assim, percebe-se que o sentimento de vergonha varia de pessoa para pessoa, a minha vergonha não é igual à da pessoa que está ao meu lado; por exemplo, alguém poderá mudar sua fisionomia, ficar corado ao ser publicamente aplaudido. Outros terão vergonha de falar em público, não necessariamente por temer um fracasso, mas porque estarão expostos. Logo, o sentimento de vergonha tem seu mínimo denominador no constrangimento de se supor olhado pelo outro. E quando esse olhar for crítico, negativo, a vergonha encontrará sua tradução mais frequente: sentimento de rebaixamento, desonra , humilhação.

Em suma, a vergonha é, no seu “grau zero”, o sentimento de ser objeto da percepção de outrem, na sua forma mais elaborada, tal percepção é associadas à valores positivos e negativos, uma vez que a tendência de afirmação do “EU”, a

construção de uma imagem positiva de si, a necessidade psicológica básica, a vergonha é sentimento sempre possível e temido, motivação de escolha de conduta e esforços. No início do desenvolvimento, o olhar alheio, notadamente dos pais, é todo poderoso, formando as primeiras camadas das imagens de si. Depois, este olhar é, em parte, condicionado, tanto na sua origem quanto no seu juízo.

2.2.3 Vergonha e Moral

A princípio, qualquer coisa pode ser motivo de vergonha (ou de orgulho): vergonha de ser feio, pobre, pertencer à determinada raça, perder num jogo, tirar notas ruins, de ser rejeitado por alguém que ama, de apanhar, chorar etc., sem esquecer aquela situação que você fica exposto ao olhar de outro. Daí a eterna vergonha na presença da vida humana, como também há a vergonha de ter agido contra algum preceito moral. Percebe-se, então, que a vergonha não se associa apenas à moralidade, mas é impossível pensar a moralidade sem ela. Neste interim, duas considerações devem ser feitas.

A primeira refere-se ao sentimento de culpa, pois, como sabemos, a culpa está associada à moralidade, tanto que o sentimento de vergonha é esquecido e desprezado, ou simplesmente considerado como correlato ou produto do sentimento de culpa.

A segunda consideração remete-nos ao valor do sentimento de vergonha, quando relacionada à moralidade. Para alguns, a “verdadeira” moral implicaria apenas o sentimento de culpa por tratar-se de um controle externo; a vergonha seria suspeita, pois remeteria a um controle externo: o olhar alheio.

Muitos autores, entre eles Freud e Piaget, estão de acordo em situar a origem da moralidade na relação da criança com seus pais. E sublinham a importância do amor na relação. Daí uma decorrência simples: a obediência da criança às ordens dos pais é motivada pelo medo da “perda” do amor.

Enfim, a vergonha é um sentimento inerente ao ser humano passível de ser evitado, pode seguir vários caminhos, a moral é um deles. A qualidade da interação social determina em grande parte o quanto a moralidade associa-se à imagem que cada um faz de si mesmo.

CAPÍTULO II

3. A indisciplina no ambiente escolar

No contexto atual, observa-se que a indisciplina se apresenta com várias faces: agressividade, falta de educação doméstica, influência do ambiente familiar, influência da televisão, os desafios dos pais e corpo docente na comunidade escolar.

Diante dessa realidade, nós, educadores, precisamos acompanhar as transformações que ocorrem no mundo e a escola também deve evoluir nesse processo. Contudo, o educador deve buscar uma formação continuada. Especializar-se é fundamental para enfrentar as questões relacionadas à indisciplina na escola e na sala de aula, pois é através desses estudos que podemos minimizar os muitos conflitos que a indisciplina causa no processo de ensino aprendizagem.

Segundo Melo:

Hoje a formação é absolutamente insuficiente para dar ao professor um repertório diversificado de recursos e metodologia que possa dominar, adaptar e improvisar para serem utilizados com diferentes crianças em diferentes momentos (2004, p.25).

Na formação continuada, o professor vai construindo um embasamento teórico, o qual lhe ajudará na prática da sala de aula. Daí a importância desses encontros, em que ele deve almejar uma formação de forma integrada, resgatando o diálogo em sala de aula com seus alunos, ampliar e diversificar seus conhecimentos para melhor conceituar e interpretar as expressões com as quais se depara diariamente no ambiente escolar.

3.1 A desordem nas relações Professor x Aluno

A escola, como instituição, tem seu papel na sociedade e, como tal, tem como protagonistas o professor e o aluno como núcleo fundamental do processo ensino-aprendizagem. Todavia, durante esse processo, a relação professor-aluno implica variados fatores que, se forem analisados, contribuem para o bom desenvolvimento da prática pedagógica.

Ao questionar o processo da relação professor-aluno, frisamos a importância do valor pedagógico na vida humana, em que o conhecimento vai sendo construído gradativamente. Nesse processo de construção, percebe-se que o papel do professor é de relevante importância. Ele deve se preocupar na maneira como irá proceder no processo ensino-aprendizagem.

Assim sendo, o professor é essencial para o estabelecimento da relação entre o ensino e a aprendizagem. O desempenho do seu papel é essencial para a criação de um clima adequado, favorecedor de aprendizagens dos seus alunos. Muito se fala acerca do papel do professor em sala de aula e na sua relação com seus alunos. Entretanto, sabemos que isso não é suficiente, muito ainda se deve refletir, discutir e propagar sobre as implicações de sua ação em um ambiente de aprendizagem. É importante discutir, além dos atributos profissionais necessários à sua atuação como mediador da aprendizagem, o que é importante para sua prática docente, os atributos pessoais para tal e isso compreende pensar sobre novas dimensões para a aula e novas competências para o professor.

Conhecer os alunos em uma atitude empática é um caminho necessário para a aproximação que se deseja para uma parceria entre professor e aluno. Conhecê-lo é reconhecer a pessoa que há dentro de cada um. O indivíduo que se alegra e se angustia, que se emociona e que se envolve e, conhecendo-o, saiba como entusiasamá-lo para a vida. Contudo, a possibilidade de intervenção na aprendizagem no outro deve procurar uma aproximação e estabelecer uma relação afetiva entre duas pessoas, neste caso o professor e o aluno. Para Morais (2007,p.18), aquele professor controlador, cobrador, insensível, enciclopédico,

incapaz de uma interação compreensiva e colaborativa já não faz muito sentido. Na realidade, nossas escolas necessitam de professores capazes de organizarem ambientes agradáveis e efetivos de aprendizagens, ambientes prazerosos e implicativos, onde os alunos sintam-se acolhidos, compreendidos e nutridos no seu sentido mais amplo.

O professor com abordagem criativa, que ajuda a abrir novas possibilidades de ação para vida e não fecha as portas para novas experiências, é aquele que cria uma atmosfera de amorosidade, compreensão e confiança no estabelecimento da sua interação com os alunos. Atua como mediador, como guia que é visto com confiança, pelos alunos interessados em saber as formas de intervenção perante os problemas apresentados em sala de aula e na escola, nas disciplinas, nas disciplinas curriculares e nas relações afetivo-pessoais assim como nos problemas apresentados fora do contexto escolar.

Segundo Shenttini, é de suma importância a relação professor-aluno. Para esse autor:

A relação professor-aluno será sempre de agente de transformação, o que confere ao professor uma importância determinante na formação do aluno como pessoa. Serão os atributos de personalidades do professor que moverão seu aluno a olhar para o mundo como um desafio ou como um obstáculo difícil de ultrapassar (2002, p.06).

Como mediador do conhecimento, o professor está à frente da sua história e como tal ele tem por obrigação fazer com que seu aluno seja um agente da sua práxis. Ele deve contribuir para que o aluno seja reflexivo, ativo e questionador. Assim sendo, diríamos que o papel do professor é de suma importância na transmissão e assimilação do conhecimento. Marques (2004, p.54) afirma que “para continuar exercendo essa função, o professor, bem como a escola, terá que utilizar cada vez mais as bases de informações disponíveis”. E, atualmente, a Formação Continuada se faz necessária para lidar com as questões que ocorrem no ambiente escolar, principalmente quando se trata do termo indisciplina dos alunos.

A sala de aula é como um cenário e uma oficina, como espaço convencional e fluído, um lugar para a experimentação, diálogo, criação e descoberta. Um lugar agradável para se viver, conviver e para formar/transformar. Porém, como qualquer outra instituição, a escola está planificada para que as pessoas sejam todas iguais. Há quem afirme que “quanto mais igual mais fácil de dirigir”. A homogeneização é exercida através de mecanismos disciplinares. Ou seja, de atividades que ajustam o tempo, o espaço, o movimento, gestos e atitudes dos alunos, dos professores, dos diretores, dando aos seus corpos uma atitude de submissão e docilidade.

3.2.1 A indisciplina em sala de aula

A sala de aula é o lugar onde acontece uma complexa rede de relações. Mas, à medida que o professor não consegue enxergar essa teia, concentra os conflitos ou na sua pessoa, ou em alguns alunos, não os deslocando, portanto, para o coletivo. Como não há reversibilidade de posições, forma-se uma rígida divisão entre aquele que sabe e impõe e aquele que obedece e se revolta (Combiér, 1988, p.65). Desse modo, cada um passa a ser movido por uma ordem, por uma obrigação que é imposta e não reunida.

O professor idealiza que a garantia do seu lugar se dá pela manutenção da ordem. Porém, a diversidade dos elementos que compõe a sala de aula impede a tranquilidade da permanência nesse lugar. Ao mesmo tempo em que a ordem é necessária, o professor desempenha um papel violento e equivocado, pois se por um lado ele estabelece os limites da realidade, das obrigações e das normas; por outro, ele desencadeia novos dispositivos para que o aluno, ao se diferenciar dele, tenha autonomia sobre seu próprio aprendizado e sobre sua vida.

Quando o professor experimenta a sua ambiguidade do seu lugar, ele consegue, juntamente com os alunos, administrar a violência intrínseca ao seu papel.

Para atender a essas necessidades e expectativas, a escola deve adotar sistemas que renovem as velhas metodologias por novas metodologias, se adequando às novas realidades que aí estão. Assim sendo, ela deve fugir dos velhos métodos e se conscientizar que as regras de disciplina vão sendo adotadas de acordo com o modelo de escola que nós queremos para nosso aluno.

3.2.2 Causas, consequências e especificidades da indisciplina

Educar filhos hoje em dia, para a família moderna brasileira, tornou-se uma tarefa árdua e difícil, uma vez que o amadurecimento das crianças e adolescentes vem acontecendo de forma rápida.

A família é vista como a primeira instituição e a mais importante na socialização, pois ela exerce grande influência sobre a criança e o adolescente. Assim sendo, as atitudes dos pais e suas práticas educacionais devem ser bem definidas, uma vez que são eles que irão influenciar por toda a vida o desenvolvimento e o comportamento da criança, adolescente e futuro adulto. Portanto, para um bom convívio social, os pais devem impor “limites” e cobrar estes limites; não transferir para escola uma responsabilidade que é sua.

Segundo Aquino (1996, p.67), o papel dos pais em relação ao estilo de práticas educacionais é bastante complexo. Vejamos:

a) “Pais autoritários” são aqueles bastante rígidos, pouco comunicativos, embora afetuosos e controladores. Valorizam a obediência, as normas e as regras por eles definidas e não se preocupam em explicar às crianças as razões dessas imposições, nem consultá-las acerca do assunto.

b) “Pais permissivos” valorizam o diálogo e o afeto. As opiniões das crianças são frequentemente solicitadas e quase sempre aceitas. São pais que tem enorme dificuldade em exercer algum tipo de controle sobre a criança. Consequentemente, são bastante tolerantes e até mesmo indulgentes.

c) “Pais democráticos” parecem conseguir um maior equilíbrio entre a necessidade de controlar e dirigir as ações infantis, de exigir seu amadurecimento e independência e o respeito às necessidades, capacidades e sentimentos de seus filhos. São pais que apresentam alto nível de comunicação e afetividade e que normalmente estimulam as crianças para demonstrarem e expressarem suas opiniões sobre determinados aspectos que as afetam.

Na família

Vários educadores apontam a família como um dos principais responsáveis pelo comportamento indisciplinados dos alunos. As mudanças ocorridas na sociedade também provocam diferentes posicionamentos na criação dos filhos, onde se percebe que a educação familiar por parte de alguns pais corre frouxa. Os filhos não têm mais limites, são muito diferentes da geração passada. Antigamente, os filhos escutavam os pais, obedeciam, respeitavam. Hoje, se brincar os pais até apanham dos filhos. Houve uma quebra de valores. Piletti (1996) enfatiza as atribuições da família afirmando que a socialização é um dos principais fatores para que a criança venha assimilar os padrões e valores que a transformarão num cidadão de bem, num adulto responsável. Portanto, uma família bem organizada e estruturada tem mais chance de formar um cidadão consciente e crítico em relação a seus atos.

Com relação às causas da indisciplina no meio familiar, hoje em dia podemos enumerar umas, para não dizer várias: desorganização dos casais, drogas, ausência de valores, omissão dos pais na educação dos filhos, pobreza, violência doméstica, alcoolismo, etc. Na maioria das vezes, percebe-se que os alunos com maiores problemas de indisciplinas vêm de famílias desestruturadas.

Sabemos que conflitos existem, mas tudo tem limites se os alunos não cumprem as regras familiares que eles acham que são arbitrárias à sua vontade, vai surgir a presença da quebra de padrões familiares, havendo essa quebra,

deixa de existir o respeito mútuo, prejudicando o princípio de convivência e afetividade entre ambas as partes. Assim sendo, se faz necessário que as famílias se organizem socialmente, resgatando os valores éticos, espirituais, sociais, morais e culturais. E isso se traduz em coisas básicas, como cumprir o seu papel de maternagem, paternagem, cuidado, amor, de ajudar os filhos a desenvolver um sentido de vida. Do contrário, se os filhos não seguirem os bons preceitos, a boa educação familiar, conseqüentemente irá refletir na sua vida social, como também na escola.

Segundo Vygotsky (1994), a educação que o sujeito recebe na família, na escola e na sociedade forma um tripé sociável, e como tal vai cumprir um papel primordial em seu caráter. Em contrapartida, a responsabilidade que seria da família tem sido transferida à escola e um exemplo bem claro é a inserção dos temas transversais propostos pelos parâmetros curriculares nacionais (PCNs) como: educação sexual, ética, cidadania, meio e ambiente etc.

Vasconcelos (2000 p.22) diz que “objetivamente, a família não está cumprindo sua tarefa de fazer a iniciativa civilizatória: estabelecer limites, desenvolver hábitos básicos”. Para esse autor, a tarefa inicial da família é cumprir a parte que lhe cabe. Muitas vezes a família não educa, não dá referências básicas, transferindo para a escola uma obrigação que seria a sua. Então, ele aponta que o papel da família, além de proporcionar a paternagem e a maternagem, também deve ser de valorizar a escola, o professor e o estudo.

Vasconcelos afirma: que é competência, também, da família estabelecer uma rotina de estudo em casa, para acompanhar as tarefas dos filhos sem interferir nos problemas de aprendizagem, pois cabe ao professor este papel, uma vez que essa é sua especialidade. E ele, ainda, diz que: “Se numa família, de fato, tem alguns princípios, tem um quadro de valores básicos e se levar isso à sério, pode-se estabelecer limites (2013, p.112).”

Porém, o autor faz uma ressalva enfatizando que os limites devem ser lembrados pelos adultos e para surtir efeito deve estar respaldado pelo vínculo dos pais com os filhos. Só assim o aluno chegará à escola com referências

básicas em termos de comportamentos, valores e postura. Essa ajuda da família será importantíssima na formação do caráter do seu filho.

Na escola

A escola é, sem dúvida, o elemento imprescindível para a realização plena dos sujeitos que vivem numa sociedade letrada. Portanto, compete a ela, enquanto espaço de socialização, proporcionar ao educando, oportunidade de se relacionar com um universo cada vez mais vasto e complexo, preparando-o para a convivência cívica, imperada em valores de equidade, solidariedade e justiça.

Com bem frisa Vygotsky (1984), “é nesse âmbito que se insere a disciplina, como forma de sociabilização no processo gradual e consistente de adaptação do aluno no ambiente escolar”.

Já Franco (1991) ressalta que na escola não existe autonomia e independente da realidade histórico-social na qual está inserida. Ao contrário, ela é “a parte integrante e inseparável do conjunto dos demais fenômenos que compõem a totalidade social”. Daí, percebemos que as mudanças que ocorrem na sociedade e na família interferem de sobremaneira na escola, transformando todo processo de construção ali implantado.

Considerando que a relação família/escola é de suma importância para o desenvolvimento intelectual da criança, se faz necessário que ambas tornem-se parceiras, pois só através dessa parceria, dessa convivência é que haverá o fortalecimento da estrutura e da personalidade da criança. Portanto, tudo que tiver que ser executado, deve ser feito com prazer e sentido para que a criança assinale, entenda a finalidade de cada atividade e, assim, consiga compreender que a comunicação social é explícita e determinante. E como tal, perceba, também, que ele é um ser essencialmente social, impossível de não ser pensado no seu cotidiano.

Do ponto de vista sócio histórico, a escola é o lugar de convergência dos movimentos históricos e como tal, a indisciplina apresenta-se como influências de relações contínuas e conflitantes entre o espaço escolar e as outras instituições sociais. Daí a raiz da indisciplina estar pautada num conjunto de fatores sociais, fazendo que o problema seja bem maior do que se apresenta ser.

Uma questão que merece uma resposta: o que faz com que o aluno seja indisciplinado? A maioria dos alunos é indisciplinada porque a escola é sempre vista como uma imposição da parte do aluno ou da família, Daí dizer que as salas de aula são locais constrangedoras e repressoras de desejos. Nesse ínterim, o que diferencia os alunos entre si é a atitude que eles assumem perante suas obrigações. Na realidade, as escolas não estão preparadas para enfrentar os grandes problemas da atualidade, principalmente no que diz respeito à gestão e suas tensões externas.

NA APRENDIZAGEM

Se formos analisar as escolas brasileiras no seu cotidiano nos confrontamos com a indisciplina como sendo um dos maiores obstáculos à eficácia da prática pedagógica. Porém, apesar de ser um problema que vem prejudicando demasiadamente o aprendizado dos discentes não apenas no meio escolar, mas em diversos âmbitos da sociedade, são poucos os estudos que tratam exclusivamente desse tema que é tão polêmico e tem uma expansão desenfreada.

Quando afirmamos o comportamento humano é bastante complexo, queremos dizer que logo que nascemos já começamos a seguir alguns limites; esses primeiros limites são físicos, que separam o possível do impossível de ser realizado.

Segundo Rocha:

A identidade só é constituída a partir das articulações com campos teóricos que permitem captar a totalidade do sujeito-criança é o conjunto dos aspectos envolvidos social, família, cultural, psicológico e etc, nas relações entre a pedagogia e a infância(2002, p.71).

Assim sendo, para entender a infância e as crianças em suas múltiplas dimensões, é necessário uma investigação multidisciplinar. Nesse ínterim o contexto educacional deve ser compreendido sob diferentes dimensões, levando-se em conta os olhares de cada participante desse processo de ensino e aprendizagem que ocorre também em diversas dimensões; todos aqueles que dele participam contribuem para aprendizagem do outro, não se excluindo nenhuma interferência exercida mutuamente nesse momento.

O problema da indisciplina x aprendizagem se encaixa em três vertentes: a primeira trata das causas extraescolares; a segunda dos aspectos intra- escolares e a terceira procura interpretar/relacionar os fatores gerados fora e dentro da escola.

No que diz respeito aos fatores extraescolares muitos teóricos destacam a influência da família em relação aos filhos por meio de suas atitudes e valores morais, como também a afetividade que é de suma-importância nas relações. Partindo dessa premissa (Dobson, 1994) afirma que ambiente familiar é muito importante nas relações, pois é ele que irá determinar o comportamento de cada indivíduo. Se o ambiente familiar for tranquilo, houver diálogo, a criança toma isso como um espelho, ela será uma criança dócil e amorosa. Se o ambiente for tumultuado, só houver desavenças a criança será um ser agitado, rebelde e conseqüentemente transferirá todo esse comportamento agressivo à sala de aula.

Enfim, segundo alguns autores o que vai determinar a indisciplina em sala de aula são alguns fatores que acontecem fora dos muros escolares. Contrário a essa tese (Libâneo, 1994) enfatiza que a disciplina em sala de aula tem ligação direta ao estilo da prática docente e conteúdos significativos e compreensíveis e também a prática de métodos adequados. Usando a mesma linha de raciocínio (Carvalho, 1972) afirma que " O professor que domina bem a

sua matéria, que tem boa técnica didática , só muito excepcionalmente terá dificuldades de enfrentar problemas relacionados com comportamentos desajustados de um aluno . "

Na concepção de Vygotsky (Apud Rego, 1996, p.99), ele diz que "é através da imitação de modelos externos que a criança aprende". Percebe-se então que os modelos externos são vários, e são eles que influenciam o aprendizado e o comportamento das crianças. Assim sendo, não são apenas os fatores extraescolares (família, meio de comunicação, etc) e muito menos os fatores intra - escolares (conteúdos e métodos inadequados, incapacidade do professor e etc), mas uma série de fatores que acarreta a indisciplina, gerando assim uma aprendizagem inadequada. Daí a necessidade de se rever todo esse processo e analisar os prós e contras da influência negativa que a indisciplina causa no processo ensino-aprendizagem. Portanto é preciso que a escola construa um ambiente prazeroso onde haja, respeito, solidariedade, cooperação e principalmente que os alunos respeitem as regras para conviverem melhor em sociedade.

NA SOCIEDADE

Nas últimas décadas a nossa sociedade tem passado por diversas transformações que ao analisarmos percebe-se que houve mudanças consideráveis em diversos âmbitos, principalmente no que concerne a educação.

Em décadas passadas, a maioria da população brasileira se concentrava no campo, porém, com o avanço da tecnologia e o acelerado processo de industrialização, o êxodo rural cresceu consideravelmente. Com isso as cidades ao receber um enorme contingente de pessoas se desestruturaram provocando consequências desastrosas ao ser humano. Hoje alguns valores definidos em tempos passados, tem sido questionados, como por exemplo, a competitividade e a luta pela sobrevivência, tem levado as pessoas a perderem determinados

valores positivos, que em tempos atrás eram considerados inquestionáveis.

A "flexibilidade de conceitos" provoca no ser humano uma crise ética, moral e perversa, na qual percebe-se a expansão da corrupção e a impunidade em grau. Se por um lado fazem vista grossa a esses descasos, por outro cresce também o alcoolismo as drogas, e em geral a violência, paulatinamente irá influenciar na educação dos discentes. isto porque famílias desestruturadas, levam à filhos desajustados, indisciplinados. Atualmente o ser humano vive numa sociedade complexa e heterogenia, organizada e estruturada no modelo neoliberal, modelo econômico, que cada dia mais torna-se determinante na vida do homem.

Na visão de Xavier, M, L (1996), o projeto de sociedade capitalista neoliberal onde o " livre mercado" ocupa importante papel, tem se tornado hegemônico e obtido " sucesso", que pode ser entendido a partir de tentativa que vem se concretizando de desestabilizar o estado de bem, estar social, por meio de um plano de privatização de setores essenciais, como habitação, saúde pública e previdência social. De acordo com Xavier :

Desde o final da segunda guerra mundial alguns teóricos defendem que: a desigualdade entre os indivíduos é fator positivo, que contribui para a competitividade entre os mesmo e o consequente aumento da produtividade(1996).

É difícil entender que a desigualdade social aparece como fator positivo, uma vez que é pelo fortalecimento das desigualdades sociais que surge o crescimento da violência. A má distribuição de renda gera o menino de rua, a favela e a doença provoca a injustiça e a exclusão social. Assim sendo todos esses fatores negativos provoca um clima de descontentamento coletivo que vai se consolidando a partir do momento que as desigualdades se acentuam e os efeitos da crise aparecem em áreas importantes como: alimentação, saúde, educação, moradia, segurança e dignidade de vida.

CAPÍTULO III

4. O que dizem os professores e os alunos sobre indisciplina ?

4.1 A indisciplina na perspectiva dos professores

Ao analisar os dados fornecidos pelos professores sobre o tema indisciplina constatei que as respostas foram unânimes ao afirmar que a indisciplina é um ato contrário à disciplina, que leva a desordem e a rebeldia e como tal essas pessoas não seguem se adaptar às normas impostas pela sociedade.

Normalmente, a indisciplina atrapalha o desempenho de qualquer atividade em sala de aula. Porém, se as normas impostas pela sociedade forem trabalhadas em conjunto; tanto com a família como com os educadores e o corpo técnico da escola desde o início do ano letivo, facilitará o trabalho dos docentes em qualquer componente curricular.

Antunes (2011, p.19) preceitua que a indisciplina emana em três focos: a escola e sua estrutura, o professor e sua conduta, o aluno e sua bagunça. Porém, como a educação molda a sociedade e transforma vidas, é fundamental que exista cada vez mais trabalhos sobre como melhorá-la, como fazer os discentes se interessarem pelos conteúdos ministrados em sala de aula, assim como se comportar de forma respeitosa no interior do micro- sistema escola.

Nos questionários aplicados aos professores, quando perguntados se a ausência dos pais ou responsáveis às reuniões escolares contribui para que o aluno faça mais bagunça e não respeite o professor , a maioria respondeu que *a presença dos pais ou responsáveis na escola é de suma importância, pois a ausência de um responsável possibilita que as crianças pensem que os estudos não têm importância e os deixa a toa para fazer o que quiserem*; como também, quando a criança percebe o desinteresse da família pela sua educação, o distanciamento dos pais da escola, as mesmas desrespeitarão professores e funcionários.

Outra questão perguntada aos professores foi que atitude eles tomam quando a criança comete um ato indisciplinado na sala de aula. Ao analisar a

pergunta alguns disseram que *o diálogo ainda é a melhor solução, mas se a indisciplina foi séria ele pode sofrer algumas punições*. Em contrapartida, outros afirmaram que a indisciplina varia de educando para educando e que nem sempre a punição corrige. Na maioria dos casos gera mais indisciplina, porque quando eles são punidos, voltam mais revoltados e fortalecidos para se rebelar ainda mais.

Outra questão colocada aos professores foi o que eles acham sobre a dinâmica das aulas, se para as aulas serem mais dinâmicas deveriam acontecer em locais abertos, tipo aula de campo. Todos discordaram afirmando que *não é o local que torna a aula prazerosa e sim as ações do professor e seu planejamento. O professor dinâmico é aquele que gosta do que faz. O espaço é importante, mas se o professor não for dinâmico, não estiver motivado na sua prática, a aula pode acontecer no melhor espaço que não irá render muito*.

No item que envolve os valores éticos e morais, ao perguntar se estes deveriam ser resgatados, *alguns afirmaram que estes deveriam fazer parte do conteúdo. Dessa forma, teríamos um ambiente escolar mais respeitoso e haveria um melhor aproveitamento no aprendizado*. Outros, ainda, enfatizaram que *é preciso agir com atitudes éticas diante dos alunos, pois o respeito, a formação como cidadão, seus valores não podem ser esquecidos*.

Ao questionar sobre a função do professor e as funções de transmitir conhecimentos e educar, alguns afirmaram que uma função depende da outra e que atualmente podemos e devemos ensinar nossos alunos a pensar, a questionar e a aprender a ler a nossa realidade, para que eles possam construir suas próprias opiniões. Outros afirmaram que a função do professor é dar aos educandos a possibilidade de se apropriar dos saberes, mas, quando necessário, estes devem ensinar aos alunos as regras de uma boa convivência.

Perguntados sobre os motivos que leva o aluno a ser indisciplinado, as respostas foram variadas. Senão, vejamos:

- Falta da relação interpessoal, entre professor/aluno;
- Aulas mal planejadas;

- Salas de aula inadequadas para serem desenvolvidas as atividades pedagógicas;
- Famílias desestruturadas, onde os pais não se respeitam acarretando, assim, problemas psicológicos, sociais, além de muitos outros;
- Falta de domínio em sala de aula;
- Professor desqualificado para exercer a profissão.

Ao perguntar aos professores sobre quantos alunos da sala de aula são indisciplinados, as respostas variaram entre 10% a 15%. Ao questionar sobre a indisciplina, se esta é algo construído na família; alguns afirmaram que *sim. Se a família for desestruturada, provavelmente a criança terá um comportamento desajustado*. Porém, como é um ato voluntário, algo que se aprende, é um fenômeno adquirido na relação social, no ambiente em que o indivíduo está inserido.

Também foram questionados sobre a relação professor/aluno. Se quando essa relação não vai bem, também é fator que contribui para indisciplina. Alguns professores disseram que *sim*, que a relação professor/aluno não pode ser só de cobrança, mas também de amizade, carinho, pois o professor tem uma enorme importância na auto-estima e confiança do aluno. Para o aluno, é muito importante ter um bom relacionamento com seu professor, principalmente se vier carregado de afeto e cumplicidade.

Segundo Mello (1980, p.365), a relação professor/aluno não se limita apenas a representação dos papéis diferentes. Uma vez colocados em sala de aula, professor e alunos passam a constituir um grupo novo, com uma dinâmica própria e entre eles se desenvolvem, muitas vezes, intensas relações interpessoais.

Ao perguntar se a indisciplina contribui para o fracasso escolar, todos afirmaram *que sim, que além de atrapalhar, retarda o ensino aprendizagem e que o comportamento é fundamental para o bom desenvolvimento das aulas*.

Questionados sobre se o excesso de protecionismo voltado para os menores interfere numa possível altivez contra professores, alguns afirmaram que muitas vezes é preciso tomar sérias medidas para que haja respeito com o professor, pois ele é o grande agente do processo educacional. Outros enfatizaram que o excesso de proteção cria uma autonomia falsa na criança, fazendo com que muitas vezes não queiram respeitar o professor ou outros atores que fazem a escola.

Ao perguntar se a baixa remuneração contribui para que o professor não se esforce para combater ou minimizar a indisciplina em sala de aula, alguns afirmaram que a baixa remuneração contribui. Outros disseram que não uma vez que temos que gostar e acreditar no que fazemos, pois à nossa frente existem seres humanos que estão em formação e o nosso salário depende desses seres. Cabe a nós, educadores, lutarmos pelos nossos direitos e não transferir para essas pessoas os nossos desalentos, nossas frustrações.

4.2 A indisciplina na visão dos alunos

No intuito de compreender o que o discente entende sobre disciplina e indisciplina, foi realizado, em sala de aula, um debate envolvendo o tema. Em seguida, foi realizada uma dinâmica sobre "disciplina" e todos se envolveram e acharam bastante interessante. Em seguida, houve a aplicação de um questionário com 9 questões.

Na primeira questão foi perguntado aos alunos o que eles acham do aluno que conversa e atrapalha a sala de aula. Dos nove entrevistados, cinco responderam que *era falta de educação, um que era feio e tirava a concentração do professor e três afirmaram que esses alunos eram indisciplinados, que a sala de aula era local de estudo e não de conversa e que existia a hora do recreio para essa finalidade*. Percebe-se nessas respostas que eles conseguiram entender um pouco a diferença entre disciplina e indisciplina.

Na segunda questão foi perguntado aos alunos se eles acham correto tratar mal os colegas de classe. Dos nove entrevistados, todos disseram que *não, que na sala de aula ou em qualquer outro lugar devemos respeitar e ter atenção com as pessoas, principalmente na sala de aula que é a extensão do nosso lar e, sendo o nosso 2º lar, os colegas são como se fossem nossa segunda família*. Um aluno, ainda, afirmou que quem trata mal o colega é como se praticasse o bullying.

Na questão de número três foi perguntado aos alunos se na comunidade deles existem muitas brigas. Nessa questão, três afirmaram que além de brigas tem mortes. Um aluno disse que depende muito de cada situação, dois disseram que há bastante violência, morte e desrespeito com o próximo e três disseram que de vez enquanto.

Na quarta questão foi pedida a opinião dos alunos sobre a situação em que o professor dá aula e aluno bagunça. Nessa questão, as respostas foram bem diversificadas. Dois alunos afirmaram que fica muito difícil, pois a bagunça tira a concentração e não se consegue aprender nada. Outro aluno disse que não se deve bagunçar nem na sala nem fora dela, pois é um ato de indisciplina. Quatro alunos disseram que quem bagunça na hora da aula, além de não aprender nada, está desrespeitando o professor. Outros dois disseram que não é correto, pois atrapalha o raciocínio de quem está prestando a atenção, como também de quem está usando de indisciplina.

Outra pergunta feita aos alunos foi se eles acham que a falta de interesse pela aprendizagem vai trazer problemas futuros para o aluno. Seis afirmaram que sim, sem justificativas e três afirmaram sim justificando que se o aluno não aprende o que será dele no futuro. Para eles alunos, o discente indisciplinado não será capaz de ser um bom profissional e para aprender é preciso querer, ir à luta e vencer.

Na questão de número seis foi perguntado aos alunos se eles acham que bagunçando se tem resultados positivos ou negativos na aprendizagem. Por unanimidade, todos responderam que seriam resultados negativos e disseram que

o aluno precisa desde pequeno aprender a ouvir e participar. Do contrário, vão ficar atrasados no aprendizado e, conseqüentemente, irão penar na vida.

Na questão sete foi perguntado se em casa o aluno já presenciou algum tipo de violência por parte de seus pais ou parentes. Sete afirmaram que não, sem justificativa. Um aluno afirmou que sim, mas, apenas, verbalmente e um afirmou que não e justificou que sua família era bastando unida.

Na questão oito foi perguntado se o aluno indisciplinado merece ser valorizado. Cinco afirmaram que não, justificando que o aluno indisciplinado não tem educação, nem respeito com ele mesmo, está prejudicando quem quer aprender, não gosta de estudar e, além disso, ele deve respeitar e valorizar as pessoas para ser valorizado. Um aluno foi bem taxativo: "aluno bagunceiro não merece estar entre nós". Dois alunos afirmaram que todo ser humano merece uma segunda chance e porque, também, não dar ao aluno indisciplinado? Já um aluno nem disse sim, nem não. Afirmou que depende, se ele melhorar e tomar consciência de que a indisciplina não leva a lugar nenhum, ele será valorizado.

Na última questão foi solicitado aos alunos que, de acordo com a sua vivência, citassem uma situação que eles perceberam que era um ato de indisciplina. Cada um citou o seu exemplo:

Quando a professora fala com o aluno, repreendendo, e ele continua fazendo a mesma coisa.

Não respeita a opinião das pessoas.

Quando a professora está explicando e o aluno não presta a atenção. Conversa na hora da aula.

A minha vizinha responde ao pai e à mãe.

Briguei com minha colega.

Não obedecer aos pais, aos idosos e aos mais velhos.

O menino de outra sala bateu no meu irmão e o meu irmão devolveu o desaforo também com briga, então o diretor suspendeu os dois.

Quando a professora está fazendo leitura, alguns alunos ficam conversando, atrapalhando a leitura.

5. CONCLUSÕES

Considerando a problemática da indisciplina, entendemos que o pedagogo tem grande contribuição a dar no sentido de reverter esse quadro caótico em que se encontram muitas salas de aula das nossas escolas.

É necessário que os educadores jamais percam suas expectativas no ato de educar. A ideia de pluralidade em nosso cotidiano é muito forte, por isso devemos estabelecer diálogos com os alunos. Por sua vez, esses alunos cada dia estão mais carentes da atenção do professor. Só a partir de um trabalho sistematizado é que poderemos pautar nossas relações numa nova ética: a do reconhecimento e respeito ao outro.

Disciplina não é algo ruim e pesado, mas algo que contribui para qualquer relação de convivência social. Entretanto, ao ter como objeto de estudo a indisciplina e ao traçar o plano de ação, o pedagogo deve estar ciente da necessidade de envolver e integrar todos nesta construção, não devendo enclausurar-se e construir isoladamente um belo plano, todo teoricamente fundamentado, esquecendo-se de levar em consideração questões relevantes de caráter histórico, econômico, social e pedagógico que, sem dúvida, contribui para a instauração da indisciplina. As ações delineadas deverão ser viáveis, para que não seja mais um plano engavetado.

Ao término da investigação, todos os instrumentos de pesquisa utilizados me levaram a afirmar que as causas da indisciplina são várias e que sua interferência na construção da aprendizagem é verdadeiramente incontestável. Porém, detectamos que do outro lado existe a disciplina e com isso nos conscientizamos de que o quadro pode ser revertido.

Torna-se necessário, pois, demolir um viés antigo de situar o ensino-aprendizagem baseado em concepções autoritárias e dominadoras e compreendê-lo como uma unidade que, ao nosso ver, possa conduzir, através da dialogicidade e problematização, a inserção mais autônoma e reflexiva da realidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, Júlio Groppa (org) – **Indisciplina na escola**: alternativas e práticas – 16, ed – São Paulo: Summus, 1996.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

---- Pedagogia do oprimido, 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000..(Coleção Leituras).

---- Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa/Paulo Freire – São Paulo: paz e terra, 2000(Coleção Leituras).

FERREIRA, Aurélio B. H (1986) **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: nova fronteira.

LIMA, M.M dos S; Rosas, A.(orgs). Paulo freire – **Quando as ideias e os afetos se cruzam**. Recife: Universitária UFPE/ Prefeitura da cidade do Recife, 2001.

MORAES, Maria Cândida. **A formação do educador a partir da complexidade e da transdisciplinaridade**. In. Diálogo Educ; Curitiba, Vol. 7. Nº22 pp.13-38 Set/Dez. 2007.

REGO, Tereza Cristina R. **A indisciplina e processo educativo**: Uma análise na perspectiva vygotskiana. In: Aquino, Júlio Groppa (org) Indisciplina e práticas. São Paulo: Summus, 1996.

RODRIGUES, Janine Marta C. (org) – In. Rodrigues Silvestre Coelho. **As várias faces da indisciplina na escola**: uma análise das causas e consequências da indisciplina nos processos de aprendizagem – João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2011.

VASCONCELOS, Celso dos Santos – **Disciplina e Indisciplina na escola**. In: Revista Pedagógica V.19 nº112/125. Jul/agos. 2013.

-----Disciplina: Construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola, 11ª Ed. São Paulo: Libertad, 2000.

VYGOTSKY, L.S. (1987) **Pensamento e Linguagem Martins fontes**. ---- (1984) A Formação Social da mente. São Paulo: Martins Fontes.

Questionário - Professor

01. O que é indisciplina?

02. Você acha que a ausência dos pais ou responsáveis em reuniões escolares contribui para que o estudante faça mais bagunça e não respeite o professor?

03. Em sua sala de aula, que atitude você toma quando a criança comete um ato indisciplinado?

04. Você concorda que as aulas para serem mais dinâmicas deveriam ser em locais abertos, tipo aulas de campo?

05. Você acha que os valores éticos e morais deveriam ser resgatados?

06. A função do professor é ensinar educação do saber e não educação familiar, você concorda? Justifique.

07. Cite um motivo que leva o aluno a ser indisciplinado.

08. Em seu percentual de 0 a 100%, quantos alunos de sua sala de aula são indisciplinados?

09. Será que a indisciplina é algo construído na família? Opine.

10. Será que a relação professor/aluno, quando não vai bem, também é fator que contribui para a indisciplina?

11. Você acha que a indisciplina contribui para o fracasso escolar? Justifique.

() Sim

() Não

12. O excesso de protecionismo voltado para os menores interfere numa possível altivez contra professores?

13. A questão da baixa remuneração, contribui para que o professor não se esforce para combater ou minimizar a indisciplina em sala de aula. O que você acha?

Questionário - Aluno

01. O que você acha do aluno que conversa e atrapalha a sala de aula?

02. Você acha correto tratar mal o seu colega de classe? Justifique.

03. Na sua comunidade há muitas brigas?

04. Professor dando aula e o aluno fazendo bagunça. Opine.

05. Você acha que a falta de interesse pela aprendizagem vai trazer problemas futuros para o aluno?

06. Você acha que bagunçando, tem resultados positivos ou negativos no aprendizado?

07. Na sua casa você já presenciou algum tipo de violência por parte de seus pais ou parentes?

08. O aluno indisciplinado merece ser valorizado? Justifique.

() Sim () Não

09. De acordo com a sua vivência, cite uma situação que você percebeu que era um ato de indisciplina.
